

# As vacas da discórdia: Gestão e raça do rebanho entre os criadores de vacas montbéliardes<sup>1</sup> na Haute-Savoie, França

Jérémy Deturche

Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil  
*E-mail*: [jeremy.deturche@gmail.com](mailto:jeremy.deturche@gmail.com)

Tradução: Fabiana Maizza

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

## Resumo

A mecanização e a modernização das técnicas de criação transformaram a paisagem sociocultural no interior da França, modificando as relações entre o criador e seu rebanho. Este artigo propõe mostrar como as técnicas atuais influenciam essas relações e quais são as repercussões na organização sociopolítica dos criadores. O rebanho se tornou um dos eixos da exploração, introduzindo a figura do criador gerente e rompendo, assim, os vínculos entre as famílias de criadores e os rebanhos, vistos nas criações tradicionais. Os criadores, organizados em “grupos profissionais locais” utilizam o rebanho como uma âncora para se posicionarem no jogo sociopolítico regional, recortando divisões com expressões socio-simbólicas mais amplas, como planície/montanha, por exemplo. A raça do rebanho possui aqui um papel fundamental de linha de fratura dividindo a paisagem da criação na Haute-Savoie.

**Palavras-chave:** Criação de gado. Parentesco bovino. Organização sociopolítica. França.

## Abstract

*The automatization and modernization of cattle raising transformed the socio-cultural landscape in the interior of France, modifying the relationship between the cattle raiser and his livestock. This article aims to show how current techniques affect that relationship and what are their repercussions on the socio-political organization of cattle raisers. The herd has become one of the pillars of the economic activity, introducing the figure of the herd managers and thus breaking the bonds between the families and their livestock, which marked the traditional forms of cattle raising. Cattle raisers, organized into “local professional groups”, use the herd as an anchor for positioning themselves in the regional socio-political game, alluding to divisions between them by referring to widespread socio-symbolic expressions such as “plains” and “mountains”, for example. The cattle breed plays a key role as a fault line dividing the landscape of cattle raising in the Haute-Savoie.*

**Keywords:** Cattle raising. Bovine kinship. Sociopolitical organization. France.

O mundo agrícola francês possui hoje uma imagem específica e no mínimo paradoxal, até mesmo esquizofrênica: por um lado, aqueles que trabalham a terra são associados às grandes empresas do agronegócio e assim julgados (preocupados apenas com o lucro obtido em uma agricultura intensiva ou extensiva em grandes superfícies), por outro lado, a uma imagem “benfeitora” e nostálgica, associada ao camponês de “outro século”<sup>2</sup>. Imagem por sua vez explorada pelos próprios atores em alguns contextos – ligados ao surgimento do “território” e dos “patrimônios”, por exemplo (Micoud, 1998; 2004). A realidade, no entanto, é bem mais complexa. Neste artigo serão apresentados alguns aspectos do universo dos “exploradores agrícolas”<sup>3</sup>, modo como eles mesmos se definem na maioria das vezes, e mais especificamente dos “criadores de *montbéliarde*” da *Haute-Savoie*. Um universo que se encontra em constante evolução e onde uma relação passional aos animais se mistura com o domínio cada vez mais profundo das últimas técnicas científicas de criação, fruto dos progressos da genética. Veremos assim como esta relação com o animal e sua raça influenciam a posição dos criadores dentro da paisagem política e identitária local e como os criadores constroem em torno dos animais diversos tipos de relações e representações. Não pretendemos ver em detalhes (do ponto de vista agrônomo) como se organizam essas práticas, mas sim mostrar o discurso que elas subentendem, como elas são pensadas, e em que vacas são “boas para pensar”<sup>4</sup>.

Trata-se de colocar alguns marcos e de definir alguns eixos de pesquisa sobre o mundo da criação bovina na França que não seja orientado para um estudo do “campesinato”. A introdução de uma organização do trabalho dessemelhante, em que a família cede, aos poucos, lugar à empresa e à estrutura jurídica (GAEC, EARL, ...) <sup>5</sup>, assim

como os progressos técnicos nos domínios da inseminação e da seleção genética transformaram tanto os métodos de criação como a organização dos criadores. As relações entre os rebanhos e as populações rurais como descritas, por exemplo, nos artigos de Zonabend (1994, 1995) e de Godefroy (1995), que unem, tanto em seu conceito como em sua reprodução, o parentesco humano ao parentesco bovino, as “[...] semelhanças entre a estratégia da seleção bovina e da gestão do parentesco humano” (Godefroy, 1995, p. 71) são, como veremos, globalmente obsoletas para entendermos as novas relações entre criadores e rebanhos. Poderíamos perguntar sobre a natureza da transformação dos vínculos e procurar uma relação entre a percepção do parentesco humano e o parentesco bovino nos dias de hoje. Mas, interessou-nos, sobretudo as implicações das novas técnicas de criação – e de sua incorporação e interpretação pelos criadores –; assim como as repercussões sobre a organização dos criadores em termos da exploração, principalmente ao papel central desempenhado pelos rebanhos, mas também em níveis sociopolíticos mais abrangentes. Veremos então a importância da raça dos animais criados e como ela constitui uma linha de separação entre os criadores. De uma certa forma trata-se também de ver se, como afirma Micoud (2003), é possível do ponto de vista do criador enxergar as vacas como algo mais do que “seres vivos tecnificados”, produtos de saberes técnicos, para fins, sobretudo, econômicos. Seres que não podem mais ser considerados como “domésticos”, e que são uma das manifestações, das representações bovinas – a única “real” (Micoud, 2003, p. 219-220).

### **O sindicato *montbéliard*: a paixão pela profissão**

Em um primeiro momento, é importante definir com mais precisão o grupo de criadores com quem se trabalhou, de perceber em que e como ele forma um conjunto homogêneo ou, como os chama Darré (1986), um “grupo profissional local”. Um tal grupo é

constituído pelo conjunto de agricultores (aqui criadores) que trabalham em condições similares e que possuem diversas ocasiões, numa longa escala de tempo, de se encontrarem, falarem, cooperarem em ações diversas (Darré, 1986, p. 137-48; Darré; Le Guen; Lemery, 1989).

É importante perceber que esse grupo profissional local está diretamente relacionado às gestões do rebanho – e unicamente. O que significa que as explorações podem ser muito diferentes na maneira de seus funcionamentos globais e que os criadores, pelo menos os associados, pertencem, frequentemente, a vários grupos. Assim, os criadores trabalham em estruturas que vão desde explorações que associam policultura e criação até explorações dedicadas exclusivamente para a criação. As zonas geográficas são também diferentes e uma exploração não funciona da mesma maneira quando se encontra em “zona de planície”, com grandes lotes, ou em “zona de montanha”, com lotes inacessíveis ao trator. Além disso, existem algumas diferenças específicas, ligadas à bonificação para “zonas difíceis”, ou então ligadas à posição com relação às zonas do AOC e IGP<sup>6</sup>. A *Haute-Savoie* beneficia de três AOC e de duas IGP, e o preço pago pelo litro de leite aos produtores das referidas zonas é bem superior ao proposto aos produtores ditos “fora de zona”. Em retorno, aqueles situados nas zonas AOC ou IGP, principalmente na primeira, devem respeitar alguns compromissos inconvenientes, sobretudo no que diz respeito à alimentação dos animais: os alimentos fermentados, por ensilagem, são, por exemplo, proibidos.

Fora essas diferenças, este grupo é composto de criadores cujos objetivos, se não são exatamente os mesmos, são, ao menos, compatíveis com o objetivo geral da “melhora da raça”. Esse é um dos pontos centrais que os unem entre si, para além das diferenças que podem surgir na importância, mais ou menos grande, dada a um certo critério ou qualidade no processo de “melhoramento”. Sejam quais forem as escolhas individuais, o leite, como critério econômico, está sempre em primeiro plano. O segundo ponto é a valorização da “paixão pela criação”, a “paixão pelos animais”. A raça não tem ligação direta com a paixão. Assim, não se fala jamais de paixão pela raça *montbéliarde*, no máximo existe uma “implicação na raça”. Os critérios econômicos são colocados no primeiro plano e parecem explicar a escolha da raça, mas a criação em geral, se escolhe sob influência da paixão. No entanto, nenhum deles gostaria de mudar de raça. Nos encontramos, assim, entre dois polos que unem fortemente esses criadores entre si

e que eles impedem explicitamente de convergir: um, constituído pela paixão da profissão; e o outro, pela escolha da raça em função de seus atributos apontados como “econômicos”.

Uma das principais representações deste grupo profissional local é o “Sindicato *montbéliard*”: uma estrutura que os permite manifestar sua paixão, conversar, trocar informações ou tomar decisões relativas à profissão de criador, mais especificamente ligadas à raça *montbéliarde*. O sindicato não representa a totalidade dos criadores de vaca dessa raça em *Haute-Savoie*: apenas 10 a 15% deles são membros. Essa é uma característica interessante, pois o sindicato indiretamente toma decisões que dizem respeito a todos os criadores da raça *montbéliarde* do departamento. Assim, é ele que decide quais touros serão disponíveis para a inseminação artificial. Tal escolha é feita de acordo com os touros “colocados em serviço” (disponíveis) para o ano pela unidade de seleção que opera no departamento: UMOTE<sup>7</sup>. Os resultados são em seguida transmitidos à cooperativa da inseminação da *Haute-Savoie*, que reagrupa todos os criadores que praticam a inseminação, sem distinção de raça, que encomenda as “doses”, palhetas de sêmen, que serão “engarrafadas”<sup>8</sup>. No entanto, se um criador que conheça todos os reprodutores disponíveis pelos catálogos, distribuídos pelas unidades de seleção, desejar utilizar um touro não escolhido pelo sindicato, ele poderá obter as palhetas por conta própria. A orientação geral, implícita nas decisões do sindicato, não é por isso menos importante.

Ainda sobre a reprodução, é o sindicato que organiza as visitas dos descendentes dos touros propostos pela outra unidade de seleção *montbéliarde*, *Jura-Bétail*, com sede no *Jura* (departamento da região de *Franche-compté*). Segundo os resultados dos relatórios e depois da deliberação, será proposto, sempre pelo intermediário da cooperativa de inseminação, as encomendas das palhetas propostas por essa unidade, mas, desta vez, para uso individual. As palhetas são assim propriedade de um criador e são estocadas nas garrafas dos inseminadores.

Outra função dessa instituição consiste em organizar a participação da *Haute-Savoie* nos diferentes concursos de escala regional ou nacional. Sobre os concursos, mesmo se a maioria dos prêmios é individual, as vacas são reagrupadas por departamento e cada concur-

so é encerrado com um “desafio” (*challenge*). Trata-se de um tipo de concurso por equipe, onde cada departamento apresenta um rebanho de vacas que devem possuir qualidades individuais sem deixarem de demonstrar homogeneidade entre si. Por isso, os criadores do mesmo departamento devem todos concordar com a escolha do rebanho. Assim, tanto o transporte dos animais como os complementos alimentares são organizados pelo sindicato. Os membros mais ativos e com maiores qualificações fazem a escolha dos animais dentro dos rebanhos candidatos. Esse é o lado passional do trabalho desses criadores, ou pelo menos, onde ele se manifesta com maior clareza. Assim, o sindicato se coloca nas duas frentes: a econômica, ligada ao melhoramento da raça, e a da paixão.

Os concursos são apresentados exclusivamente como ocasiões em que os criadores podem se encontrar, trocar informações e comparar seus rebanhos (resultados de seus trabalhos) com os rebanhos alheios, pois se “ficas em casa, tuas vacas são as mais lindas do mundo”. Os concursos exprimem a paixão dos criadores, suas vontades de evoluir, mas eles mostram também, o “clima que reina” no departamento, os vínculos entre criadores: se entender entre criadores é muito importante, especialmente no interior de cada delegação de departamento. Por outro lado, a dimensão econômica fica sistematicamente excluída dos concursos. Quando perguntamos se existe um interesse econômico nos concursos, a resposta é invariavelmente não. No entanto, os concursos são um meio muito eficaz, quando se possui uma boa vaca, de se fazer um nome, de tornar conhecido o seu rebanho. A venda dos animais ou dos embriões é assim facilitada. Além disso, os critérios de qualidade de uma vaca, inúmeros e precisos, são sempre justificados de um ponto de vista da facilidade do trabalho ou da produção de leite: a forma das tetas, sua qualidade, a morfologia corporal do animal (que remete à sua capacidade de ingestão, por exemplo), etc.

O paradoxo é ainda maior quando sabemos que os concursos são precisamente um dos melhores meios para promover a raça. Assim o concurso especial *montbéliard*, evento nacional que ocorre de três em três anos, foi em 2001 organizado em Paris no “Salão da Agricultura”. O motivo para isso era justamente valorizar a raça *montbéliarde* em relação

às outras. De fato, Paris reagrupa todos os anos um grande número de raças diferentes, e, subitamente uma raça passou a dominar em termos quantitativos, passando de 70 vacas a mais de 200. “Assim, as pessoas verão mais vacas *montbéliardes*”, o que facilita para mostrar o dinamismo da raça aos outros criadores e ao público, que é também consumidor. Nesse caso, não somente o concurso possui uma vocação econômica, mas vemos também que a raça é dominante: comparam-se apenas as vacas da mesma raça e os critérios variam. A paixão se une à economia e inversamente, a paixão não pode ser excluída da gestão cotidiana e das técnicas de seleção. A seleção exige mais do que o puro controle das competências técnicas para fins econômicos, e isso devido ao próprio fato de os critérios variarem de acordo com os criadores, alguns bastante subjetivos, como o estilo da vaca ou mesmo a cor de sua pelagem. No entanto, os criadores separam explicitamente e artificialmente esses dois domínios atribuindo a cada um deles uma expressão física: a melhora da raça para uma maximização de seu potencial produtivo pela seleção (entre outros) e os concursos, a respiração passional na qual os criadores se encontram unidos, com suas vacas.

O sindicato é assim composto de criadores envolvidos afetivamente na paixão da criação – simbolizada pelos concursos e trocas que os acompanham –, mas também economicamente orientados para a seleção, promoção e progressão da raça *montbéliarde*. A seleção se faz pela escolha dos reprodutores e das orientações desejadas para a raça. É por esta última característica que Bernard R. define os criadores do sindicato: “nós somos os criadores-selecionadores”, em oposição às explorações *montbéliarde* do *Albanais* (Região ao sul de *Annency*). Os criadores dessa região não “[...] são verdadeiramente criadores [...], eles são compradores, a vaca deve produzir e pronto, eles não fazem genética nem criação”. Inversamente, “[...] quando você cria, você passa a se perguntar sobre o que faz, sobre os touros que utiliza”.

Essa diferença entre os criadores-selecionadores e os criadores-produtores é similar à mencionada por Godefroy ao falar dos criadores da raça *normande*, da Normandia. Mas aqui a diferença fundamental é que os criadores-selecionadores utilizam o progresso técnico de ponta



em termos de reprodução animal – e isso ocorre desde a chegada da raça *montbéliarde* em *Haute-Savoie*. Assim, no GAEC, “a fazendinha do Follon” (la ferme à Follon”), um dos pioneiros da raça em *Haute-Savoie*, nunca houve cruzamentos naturais. Na Normandia ocorreu o contrário: os criadores-selecionadores em um primeiro momento rejeitaram a inseminação artificial e a raça *frisonne*, enquanto os “cultivadores” adotaram ambas (Godefroy, 1995, p. 82). Sem dúvidas esse constato não é mais atual, mas isso penalizou a difusão da raça *normande*, que deixou de ser a segunda raça da França, sendo ultrapassada justamente pela raça *montbéliarde* nos anos de 1990 (em termos aproximados, temos 11% para a raça *montbéliarde* contra 8% para a *normand*).

A diferença é que os touros utilizados pelos criadores-selecionadores de *montbéliarde* na *Haute-Savoie* não são propriedades de um dado rebanho, mas sim de uma estrutura externa que cria e seleciona os touros que serão colocados à disposição dos criadores. Para isso ela utiliza uma série de índices que permitem selecionar as diferentes qualidades ligadas aos animais, como a indexação leiteira (INEL) ou morfológica (MO). Esses índices são compostos de “subitens”, por exemplo: o INEL sintetiza diversos critérios ligados ao leite, como a quantidade ou qualidade do leite. Todos esses índices são em seguida fundidos em um índice único (ISU), que é utilizado para classificar os touros.

Um dos pontos importantes revelados pela enumeração desses diferentes índices e critérios é que todos eles fazem essencialmente referência a características próprias das vacas. Os dois primeiros eixos são inclusive os critérios que serão levados em conta nos concursos. Assim, os índices são vistos não apenas nas fichas de identidade das vacas, mas também, e sobretudo, nos catálogos de apresentação dos touros.

Alias, existe uma confusão verbal entre o touro e sua descendência. Os índices são definidos a partir da descendência dos touros, seja ela efetiva – como no caso das “séries de testes” ou de “vaca de serviço” – ou virtual, como veremos a seguir. As características são em seguida atribuídas diretamente ao touro. Diz-se, por exemplo, que um touro “é bom de teta”, ou que ele é “um touro a tetas”, o que, eviden-

temente, não significa que ele possui boas tetas, mas que suas filhas herdaram de boas tetas. Essa atribuição de características femininas aos touros está vinculada à designação das vacas pelos nomes de seus pais e avôs. Assim, as vacas são quase sempre apresentadas, sobretudo as jovens, e em frente de pessoas estrangeiras, para exploração (ou seja, sem conhecimento dos animais do rebanho), com referência a seu pai e avô materno. Dizem de uma certa vaca que ela é um “Embrun sobre Bois Le Vin”, Embrun sendo o nome do pai e Bois Le Vin o nome do avô. Trata-se aqui de uma característica masculina, o nome, que é transferido à sua descendência.

### **Os touros ‘transformados’ onipresentes...**

No fundo, o que as unidades vendem através dos touros em seus catálogos são as vacas. O fato de que o nome de um touro possa servir para designar suas filhas provem da mesma lógica que atribui características fêmeas aos touros. Tanto o fato de fazer desaparecer as qualidades próprias do touro valorizando as de suas filhas como a designação de vacas pelo pai provêm da mesma “destourificação” dos machos da raça *montbéliarde*. Pois é justamente o fato de que o nome do touro não esteja associado a características masculinas, mas sim femininas, que faz com que ele seja utilizado para designar suas filhas. Quando um criador apresenta uma vaca dizendo “esta é uma Verglas”, ele enumera as qualidades fêmeas vinculadas a um touro e que podemos encontrar (ou não) na vaca em questão, uma de suas filhas.

No entanto, a seleção se faz pela escolha de certo touro por tal vaca. Mas definitivamente são os touros que são vistos como os moldadores da raça: “[...] é pela linhagem dos machos, de qualquer maneira, esta é a via, não existem outras, é a única, a melhora genética passa pelos machos”<sup>9</sup>. O macho *montbéliard* é de fato visto como o instrumento da melhora da raça, e mesmo de sua existência. Os touros são assim organizados em linhagens exclusivamente de machos, que são algo como o centro nervoso da raça. O animal é apresentado com o nome de seu pai e de seu avô materno. O que pode parecer paradoxal quando sabemos que os touros são perpetuamente invisíveis, com exceção das fotos em catálogos.

De fato, raros são os criadores que ainda possuem um touro – eles são vistos como um perigo, um motivo de medo quando associados à exploração. “Eu nunca tive um touro [...] estes animais me dão medo [...]. Eu vejo um touro, eu desconfio”. Um touro evocado em um contexto de presença em uma exploração não tem mais nada a ver com um touro evocado em um contexto de “trabalho genético”. Todos os criadores contam histórias de acidentes devido ao caráter imprevisível e agressivo dos touros, e essa é uma das razões que justifica seu desaparecimento. Tais características, que são dadas como próprias aos touros, não podem, de maneira alguma, ser aplicadas aos touros dos catálogos. Assim, não apenas os touros de inseminação são definidos com referência às características das fêmeas, mas, além disso, eles perdem todas as características que são explicitamente atribuídas aos machos. Os touros de inseminação, na verdade, nunca estão presentes fisicamente, mesmo nos concursos onde seus nomes podem ser visto por todos os lados. Nada deve vinculá-los àquilo que é fisicamente um touro. Eles são confinados em centros altamente protegidos em termos sanitários, detidos pelas unidades de seleção.

A explicação dada a essa predominância dos machos no nível genético se apoia na ideia de que um touro pode ter uma quantidade muito maior de crias do que uma vaca. Consequentemente, a possibilidade de definir e precisar as diferentes constituições transmitidas é maior e mais segura. No entanto, nas linhagens de machos são as características femininas que prevalecem, os criadores pensam nas vacas, nas filhas, ao falarem de uma determinada linhagem. Assim, mesmo que sejam as linhagens masculinas que contribuem na construção da raça, elas não são mais do que a representação das características das fêmeas. Os touros, devido à sua desaparecimento das explorações, foram esvaziados de suas características masculinas, isto é, a agressividade e a malvadez. Os touros que surgem pelo intermediário da seleção genética e dos catálogos são muito diferentes. Sendo os portadores, os transmissores de características fêmeas, eles se tornaram tanto o símbolo da raça como o instrumento de sua melhora, mas perderam todo vínculo com as características atribuídas exclusivamente aos touros.

### ... E as vacas, discretas mas fundamentais

Isso significaria que as fêmeas estão excluídas do “esquema de seleção”? É certo que não. Quando as unidades de seleção escolhem um reprodutor macho que será o “pai de touros”, elas pensam atentamente qual vaca será escolhida como “mãe de touros”. Possuir as qualidades requisitadas não é o suficiente, ela precisa também pertencer a uma linhagem de fêmeas reconhecida, tendo assim um alto “grau genético”. No entanto, essas linhagens de fêmeas são extremamente discretas no ambiente geral da raça: qualquer criador que pratica a inseminação artificial de vacas *montbéliardes* conhecerá pelo menos os touros mais importantes das diferentes linhagens de machos, mas o mesmo não pode ser dito sobre seu conhecimento das “mães de touros”. Isso se deve, em primeiro lugar, ao fato de elas serem muito menos mediatizadas e valorizadas. De fato, os criadores possuem um acesso fácil às informações sobre as linhagens de machos – pelos catálogos dos touros onde o pai e avô materno aparecem, ou pelos pôsteres, abundantemente distribuídos, que mostram as diferentes linhagens dos machos em árvores genealógicas. As linhagens de fêmeas, ao contrário, permanecem no campo confidencial e são conhecidas apenas pelos criadores envolvidos na seleção em nível nacional. Mesmo entre os criadores-selecionadores elas são pouco conhecidas.

Na verdade, uma boa parte dessa discrição deve-se ao fato de essas linhagens estarem divididas nos diferentes estábulos, dispersas nas explorações no meio das outras linhagens. As linhagens de “mãe de touro” são potencialmente muito numerosas e flutuantes, o que significa que uma linhagem pode desaparecer durante um momento do esquema de seleção enquanto outras surgem. Inclusive, as unidades de seleção estão constantemente à procura de novas linhagens nas explorações. Assim, quando no papel, ou seja, no seu grau genético, na sua “profundeza genética”, uma vaca chega a um certo nível, ela pode se tornar, dependendo de suas qualidades, uma mãe de “filha de touro”<sup>10</sup> nos esquemas de seleção. Se isso ocorrer, as unidades de seleção orientam o criador nos cruzamentos futuros desta linhagem.

Mas antes de se tornarem linhagens dentro das quais são escolhidas as “mães de touros”, essas linhagens já estão presentes nas

explorações, nos rebanhos, elas são fruto do trabalho do criador. De fato, os rebanhos estão cada vez mais organizados, parcialmente ou totalmente, em termos de linhagem e troncos – a diferença entre linhagem e tronco não sendo clara aos olhos dos criadores. Assim, na fazenda de Gilles D., 98% do rebanho está dividido em três ou quatro linhagens, sendo que uma, vinda de uma vaca chamada Ecuyère (Escudeira) representa 50% do total. Foi principalmente o desenvolvimento do transplante embrionário que tornou possível uma tal evolução, ao multiplicar de forma substantiva o número de bezerros nascidos de uma mesma vaca. Essas linhagens podem ser marcadas de forma onomástica, tanto pelo uso de campos semânticos (nome de flores, frutos, ...) como pela formação de nomes com uso de sufixo.

A existência de linhagens nos rebanhos das explorações não é algo novo, as “raças” da vaca *Hérens*<sup>11</sup> são de fato a representação das linhagens das ‘rainhas dos pastos’ (Preiswerk, 1995, p. 31-39). A intenção de fazer árvores genealógicas ou de formar um rebanho a partir de animais de sua criação, presente entre os criadores aposentados do município de *Houches*, no Vale do *Chamonix*, surge da mesma intenção de linhagem (Barré, 1997). Mas, nos últimos 15 anos essa forma de proceder se desenvolve solidamente tanto no número de vacas do rebanho pertencentes às linhagens como na profundidade destas últimas.

A integração às linhagens de somente uma parte das vacas de um rebanho cria uma diferença entre dois tipos de vacas que coexistem no seio de uma mesma exploração: as “vacas de linhagem” e as “vacas de rebanho”. As primeiras são aquelas que o criador considera interessantes para “trabalhar geneticamente”, que possuem um trunfo, um potencial para a melhora do rebanho e da raça. É preciso assim cuidar de seus cruzamentos, escolher os bons touros, orientar a linhagem. As “vacas de rebanho”, elas, são animais mais neutros. Elas estão lá para “produzir o leite delas”, não causam problemas, mas também não possuem nenhum ponto forte. Devido a isso, o criador não “trabalha” tanto com essas vacas, ele não é necessariamente cauteloso com seus cruzamentos, e não se preocupa muito com seus ascendentes. Estas últimas “pagam o preço” do desenvolvimento das linhagens. Com o transplante embrionário, um criador pode progressivamente eliminar

as “vacas de rebanho” em benefício dos “embriões”<sup>12</sup> vindos de melhores linhagens.

A profundidade cada vez maior das linhagens deve-se não somente a uma pesquisa mais séria dos criadores, mas também ao transplante embrionário que aqui, novamente, possui uma grande influência. De fato essa técnica permite aproximar consideravelmente a distância entre as gerações. É por exemplo possível ter bezerros de uma novilha que ainda não pariu. A novilha é na verdade “sugada”, isto é, retira-se dela embriões após provocar uma superovulação seguida de uma dupla inseminação<sup>13</sup>. É somente depois desse processo que ela será inseminada de novo sob condições “normais”. Temos assim uma geração de dois em dois anos com diversos animais em cada etapa. Antes, uma novilha paria com dois anos e meio ou três anos e nada garantia que ela teria uma fêmea. Se houvessem só machos, era preciso aguardar o ano seguinte e algumas vacas nunca tinham fêmeas<sup>14</sup>.

Essa aproximação de gerações e as pesquisas feitas pelos criadores permitem que eles tenham em mente uma grande profundidade genealógica de seus rebanhos, pelo menos dez gerações – quando elas existem. Adquirindo essa profundidade pelo intermédio das linhagens, o rebanho se encontra enraizado na exploração e sua gestão se torna diferente, as “formas de fazer” vinculadas à reprodução dos animais são diferentes.

As linhagens de fêmeas são assim também muito presentes, mas sob um ângulo diferente, e a raça *montbéliarde* se encontra definida através de duas faces, tendo cada uma delas as linhagens como expressão. As linhagens dos reprodutores machos como símbolo e instrumento de melhora da raça, voltadas para o exterior. E as linhagens das fêmeas, mais domésticas, no sentido do privado, vindas diretamente das explorações e que compõem a realidade da raça. Estas duas faces estão continuamente presentes, mas não se exprimem da mesma maneira. Assim, quando um criador apresenta suas vacas, ele utiliza frequentemente o pai e o avô materno. Por esse procedimento ele descreve as qualidades femininas, mas ele também torna seu rebanho mais acessível, visto que as linhagens masculinas são conhecidas por todos que se interessam pela raça. No entanto, dando o nome do pai, é a mãe

que os criadores veem, ou pelo menos suas qualidades e fala-se assim de uma “boa Bois-Le-Vin”. “Falamos no pai, mas pensamos e vemos a mãe”; neste caso, para o criador, é a linhagem feminina que se exprime, mas para torná-la compreensível, ele deve passar pelos machos.

É possível que esse duplo pertencimento às linhagens seja, de uma certa forma, uma constante na relação entre o criador e a criação bovina, e ele poderia explicar o porquê para Zonabend (1994), que trabalhou com o parentesco humano no seio do grupo doméstico, o rebanho tenha como base as linhagens de vacas – inversamente ao parentesco humano, composto de linhagens de homens. Godefroy (1995, p. 82) já havia notado uma dicotomia em função do tipo do criador: “a família bovina é ‘patrilinear’ para os especialistas”, produtor e exportador de touros para além de suas explorações; já entre os “cultivadores” o rebanho é “essencialmente baseado nas fêmeas”. O sistema de “estação de criação” dos machos e de implicação de um máximo de criadores de *montbéliardes* na *Haute-Savoie* na produção de touros e na melhoria da raça, fez deles especialistas no sentido de Godefroy, mesmo se os touros não estão presentes em suas explorações. Seria assim interessante ver se entre os “especialistas” *normands* os rebanhos são também estruturados por linhagens de fêmeas. Parece pouco provável que as linhagens de fêmeas sejam inexistentes e que a família bovina seja unilinear – em ambos os casos.

Trata-se, antes de mais nada, de uma filiação bilinear que se manifesta não segundo a natureza da transmissão, mas segundo o contexto no qual é evocada essa transmissão, como uma forma de dupla filiação unilinear contextual. De fato, em um contexto doméstico, a filiação seria matrilinear e o criador trabalharia com suas linhagens de fêmeas. Por outro lado, em um contexto orientado para o exterior, a filiação ativada seria a patrilinear. Mas nos dois casos as características das referências são femininas.

### **“Acúmulo” e “reforço de sangue”**

Assim, se a melhora da raça é explicitamente definida como passando por reprodutores machos, são as linhagens de fêmeas que permitem ao criador trabalhar ao longo termo, com objetivos a serem

alcançados sobre três ou quatro gerações. São elas que fornecem a base do trabalho para todo criador-selecionador. O que é importante para eles é conhecer bem os defeitos, para compensá-los, e as qualidades, para “fixá-las”; essa é a base do trabalho genético.

A genética é vista como uma construção sob responsabilidade do criador. Ele deve fixar para si uma direção, um objetivo que ele sustente pelos cruzamentos apropriados. A reprodução e a melhora genética reinam sob a noção de “acúmulo”, ou “acúmulo genético”. Trata-se de um meio de “fixar” as constituições genéticas, hereditárias, em uma linhagem. Para fazê-lo, o criador vai escolher um dos touros presentes no catálogo da união de seleção que cobre sua região geográfica. Os touros são selecionados em função das características de sua descendência. Essa seleção passava, antes de 2009, por uma “série de testagem”. Tratava-se de testar os touros selecionados pelos seus ascendentes (qualidade da mãe e do pai) que eram propostos aos criadores a fim de poder deduzir sua qualidade em função de sua descendência. Uma série de testagem é assim composta de filhas de touros ainda não reconhecidos. Quando essas filhas entram em produção leiteira, aproximadamente quando estão com dois anos e meio, obtemos o índice de seu pai (“índice da descendência”<sup>15</sup>). Se ele é satisfatório, o touro é “colocado em serviço” e proposto aos criadores. No caso contrário, ele é eliminado. Havia assim um longo período entre o nascimento do touro e seu reconhecimento como reprodutor satisfatório.

Depois de setembro 2009, o princípio de testagem foi substituído por um método de seleção testado desde 2005, o SAM (*Sélections Assistée par Marqueur*<sup>16</sup>, Seleções auxiliadas por Marcadores) ou a seleção “Genômica”. Ela se baseia no sequenciamento do genoma da vaca e da possibilidade de reconhecer, de seguir diferentes alelos que possam ter uma expressão nas constituições fenotípicas procuradas. Podemos assim estimar o “valor genético” dos futuros reprodutores somando os diferentes efeitos das regiões do genoma (QTL – *Quantitative Trait Locus*) assim marcados. A quantidade de QTL é hoje julgada suficiente para selecionar os reprodutores sem que a série de testagem seja utilizada. As qualidades de cada reprodutor assim selecionado serão em



seguida atenuadas com as características efetivas de suas primeiras filhas. Teoricamente, esse método é bem mais rápido, e não há mais necessidade de esperar que as filhas de testagem sejam adultas, pois já se sabe de antemão as principais qualidades dos touros. Isso evita a incerteza inerente ao método de série de testagem que via um grande número de touros não serem “classificados”. Segundo os técnicos dos centros de seleção dos reprodutores esses “touros genômicos” são praticamente tão confiáveis quanto os touros indexados por descendência. Mas constatamos que existem ainda algumas desconfianças e que, em algumas criações, eles são utilizados da mesma maneira que os touros em testagem.

Contudo, sejam quais forem os touros escolhidos, as características, ponto forte e ponto fraco, visam escolher o melhor touro para cruzar com uma determinada vaca. A escolha deve levar em conta as qualidades da vaca, mas também da linhagem à qual ela pertence, o objetivo é melhorar aquilo que é preciso, sem deteriorar os pontos fortes. Não se deve jamais procurar “compensar”, é preciso “acumular”. Ou seja, é preciso ter uma visão das inúmeras (futuras) gerações a longo termo e não tentar construir, escolhendo um touro que possui as qualidades e defeitos opostos aos da vaca. Acumular é “fixar” uma constituição, escolher um touro que manterá as características específicas procuradas.

Em seguida, quando uma constituição estiver bem “fixada”, a linhagem transmite facilmente essa qualidade e pode-se então correr alguns riscos para melhorar um defeito. Será preciso mais uma vez “acumular”, mas não se pode correr riscos constantemente; deve-se periodicamente utilizar um touro melhorador da constituição “fixa” da linhagem, senão ela será perdida. Paralelamente, como nenhum dos reprodutores machos é perfeito, deve-se velar para não “acumular” defeitos, pois eles são muitos difíceis de serem corrigidos em seguida. O criador encontra-se sempre em um malabarismo entre as qualidades e os defeitos de suas linhagens e aqueles dos touros disponíveis.

Essa noção aproxima-se da noção de “reforço de sangue” no sentido em que essa última é, de fato, um meio de “acumular”. Ela consiste em cruzar os animais que possuem ascendentes em comum.

O criador “retorna” a uma linhagem de fêmeas com um touro que ele já tenha utilizado, por exemplo, no cruzamento com a bisavó da vaca inseminada. Dessa forma, ele conseguirá fixar melhor os atributos da linhagem dos machos, e como o primeiro cruzamento demonstrou bons resultados, ele pode esperar fixar esses resultados de forma mais duradoura. Como demonstrou Zonabend (1994, p. 41), essa forma de consanguinidade é posta em primeiro plano na Normandia, pois ela corresponde aos casamentos humanos valorizados em *La Hague*. “‘Um reforço de sangue, não é ruim’, ‘o melhor’, dizem, ‘são os bisavôs pelos pais’”. Traduzido em termos de parentesco humano: a boa fecundação seria entre “primos provenientes de germanos”<sup>17</sup>.

Na *Haute-Savoie*, o “reforço de sangue” não é valorizado dessa maneira pelos criadores atuais. Voltando às conclusões de Zonabend, isso é compreensível. O parentesco humano não é prescritivo e as famílias são desconectadas: as explorações não são mais propriedades de famílias. No entanto, essa noção existe, mesmo se a maioria dos criadores não a pratica de forma sistemática ou não a diferencia da “consanguinidade direta” – que consiste em cruzar animais próximos, algo do qual desconfia-se. “Para mim, a consanguinidade é mais direta (que o reforço de sangue); é diretamente o filho sobre a mãe, uma bagunça, o Tartar sobre uma filha de Tartar [...]. Agora, o reforço de sangue eu não sei o termo exato, acho que podemos chamar de consanguinidade também”. Essa noção parece ser mais “técnica”, ela está sempre presente no discurso dos técnicos, para quem ela é a forma de fixar os atributos. O único criador a utilizá-la sistematicamente é muito próximo das pessoas do meio técnico, devido à sua implicação nos centros de seleção dos reprodutores.

Por outro lado, os criadores têm plena consciência de praticar regularmente os “reforços de sangue” de forma imprevista e não planejada, e isso devido ao fato de as linhagens de machos disponíveis serem poucas, quatro ou cinco, sendo duas mal representadas. Os criadores não possuem assim a consanguinidade como referência na escolha dos cruzamentos, mas sim, a noção do “acúmulo”. Esta última é mais neutra e mais específica à gestão de um rebanho; nada a conecta aos homens. Em minha opinião, ela marca a autonomia do rebanho com relação aos homens, ao parentesco humano e à família.

Poderíamos discordar que os termos utilizados para qualificar as relações biológicas entre os animais sejam sempre termos emprestados do parentesco humano como pai, mãe, filha ou avô. Mas aqui também podemos perceber diferenças que seriam interessantes acompanhar. É o caso, por exemplo, da expressão “irmã plena”, para se referir às vacas que são irmãs, possuindo o mesmo pai ou a mesma mãe. O termo irmãs é um pouco modificado e utilizado assim para se referir a meias-irmãs. Além do que, a qualidade de “irmã” se aplica quase que exclusivamente em linha matrilateral, ou seja, as vacas irmãs são aquelas que possuem a mesma mãe. Os termos emprestados do parentesco humano parecem corresponder à descendência matrilinear, doméstica. Mas as diferenças que aparecem entre os termos do parentesco humano e os que são utilizados para os animais seguem, aqui também, no sentido da ruptura.

### **O rebanho, eixo da exploração**

A organização dos criadores é diferente dos criadores<sup>18</sup> da Normandia, em que Godefroy (1995, p. 82) fala da existência de “linhagens de criadores” as quais correspondem às criações, os rebanhos baseados nas linhagens de touros, pelo menos para as “*linhagens mais conhecidas*”. Nas explorações organizadas em GAEC ou em EARL, as relações entre o rebanho e os criadores são diferentes. Os criadores de uma exploração não são todos de uma mesma família, alguns não são nem mesmo filhos de criadores ou agricultores. Além disso, o trabalho em uma criação é quase sempre dividido entre os associados segundo as ambições e a competência de cada um.

Assim, a gestão de um rebanho do ponto de vista genético é sempre o atributo de apenas um dos associados. Para melhor ilustrar essa organização e demonstrar suas implicações na relação entre o criador e o rebanho, estuda-se particularmente um caso que parece muito significativo. No GAEC “fazendinha de Follon”, a gestão genética da criação está sob a responsabilidade de Pascal G. que se integrou como sócio da exploração há aproximadamente 20 anos. É ele quem faz os cruzamentos, quem escolhe os critérios importantes e a orientação geral do trabalho genético. Ele propõe igualmente aos associados operações

mais caras, como a “coleta de embrião” de uma vaca ou o uso de uma “doadora permanente”. Esta última operação consiste em colocar à disposição uma vaca que não será mais inseminada e não produzirá mais leite. Por outro lado, duas vezes por ano, ela vai ser “coletada” e fornecerá assim, de forma regular, diversos embriões. Esses embriões poderão ser imediatamente “reimplantados” nos animais preparados para isso; dizem então que eles serão utilizados “frescos”, ou conservados para serem utilizados mais tarde e vendidos a outros criadores. Essas operações possuem um alto custo financeiro e, neste caso, as decisões são tomadas em conjunto.

Para poder gerenciar a criação, é preciso adquirir um conhecimento perfeito do rebanho, não somente em sua dimensão presente, mas também em sua dimensão passada. Ele teve que aprender sobre as linhagens de fêmeas do rebanho e se familiarizar com as linhagens de touros, pois ele vem de uma família da Bretanha, onde a raça das vacas não é a mesma (*prim'holstein*). “Quando eu cheguei, faz dez anos<sup>19</sup>! Eu trabalhei na papelada (as fichas de identidade do Herd-Book e do UPRA), assim como você... Sabe? Eu peguei os papéis, anotei um pouco os pais, assim: o pai, a mãe, os avôs maternos. Depois eu trabalhei na papelada, mas conversando também com o Pascal T. sobre as mães, como elas eram, estas coisas”.

Fica evidente que existe uma aprendizagem do rebanho que se dá em dois tempos. O primeiro consiste na leitura das fichas de identidade dos bovinos, que corresponde a uma abordagem externa em que o mais importante são os pais. Essa é uma aprendizagem que se faz unicamente através dos papéis, da mesma forma que a dos reprodutores machos. Em seguida, uma vez isso controlado, existe o diálogo com uma pessoa da exploração. Aqui, não se fala mais em machos, são as mães que contam: esta é a aprendizagem das linhagens femininas do rebanho, com suas qualidades e defeitos, características que são vistas apenas parcialmente nos “papéis”.

Mas deve-se também levar em conta o fato que os GAEC possuem muitas vezes origens familiares, o que significa que os associados, quando surgiram tais estruturas, pertenciam quase todos à mesma família. Ora no caso descrito, a pessoa que se associou e que estará en-

carregada da reprodução não é da mesma família da origem do GAEC, ao contrário da pessoa com quem ele vai conversar para aprender sobre as linhagens. Essa transmissão de um conhecimento sobre o rebanho e seu gerenciamento entre uma pessoa recentemente associada e um membro da família de origem do GAEC e do rebanho é essencial na ruptura que ocorre entre o rebanho, a exploração e a família. Por isto, os GAEC tendem cada vez mais a reagrupar associados que não são da mesma família.

O único ponto em comum entre os associados se torna assim a exploração. E o rebanho, devido à sua profundidade temporária vinda de uma organização em linhagens de vacas, se torna um dos eixos desta exploração em torno do qual os criadores gravitam ao mesmo tempo em que contribuem para sua duração e melhora. Eles são agora apenas gerentes e a exploração é vista parcialmente como uma empresa centrada em um rebanho. Eles têm consciência dessa evolução, e nesse sentido, a vontade explícita de considerar os concursos unicamente como uma expressão de suas paixões pela profissão pode ser vista como uma resposta à autonomização do rebanho – que aproxima a exploração à empresa. Os concursos permitem criar um outro vínculo entre o explorador e seus animais; assim eles fornecem a oportunidade para que os criadores se encontrem, formem grupos, conversem, deem palpites e troquem ideias, isto é, falem de sua profissão e de sua paixão.

O ponto central do vínculo passa agora pelo sindicato *montbéliard*, pela raça da vaca. Ela exercerá um papel centralizador entre os criadores que trabalham para melhorá-la. Ela os permitirá comunicar e trocar informações: ela criará laços entre eles.

### **A função identificatória**

Como já foi dito, essa colaboração encontra uma forma de expressão sobretudo nos concursos. Mas os concursos são também uma ocasião para os criadores se relacionarem com certos animais. “Depois você tem mais contato com as vacas que você prepara, por exemplo para ir para o concurso, você vai adestrar. Isso leva tempo, então depois elas te reconhecem [...]. Elas se tornam mais familiares”. Esse

vínculo com algumas vacas é valorizado como um modelo; o ideal seria adestrar todas as vacas.

Mas essa relação afetiva, “a paixão pelos animais”, é sempre pormenorizada como não influenciando o tratamento dado ao animal. “Não é porque esta vai para os concursos [...] que ela terá privilégios com relação às outras”. O cotidiano é aqui também separado do passional: a gestão de todos os dias, a produção do leite e a alimentação não sofrem influências da relação afetiva. Porém, os criadores reconhecem, eles mesmos, que com certas vacas, com quem eles saem regularmente ou que são mais velhas, eles se comovem: “Quando você tem uma vaca velha, tem coisas que você perdoa”. A venda desses animais pode também magoar, “mexer com a gente”.

No entanto, é o rebanho que é sempre valorizado, o trabalho global, a longo termo, sob diversas gerações. Desindividualizadas, as vacas formam um bloco compacto, colocando mais uma vez o criador em uma posição neutra de gerente, pois “são só vacas, não dá para misturar tudo”. Mais uma vez, ao afastar o lado afetivo, contribui-se para a autonomização do rebanho.

Para os criadores, os concursos são, antes de mais nada, lugares para trocas, encontros e solidariedade, especialmente para criadores do mesmo departamento e da mesma raça de vacas. Já se falou sobre o papel central do sindicato *montbéliard* nos concursos, mas é preciso mencionar que essa organização não vem da *Haute-Savoie*. A organização dos criadores de um departamento em sindicatos, de acordo com a raça de seus animais, é a norma. E o ápice dos concursos na raça *montbéliarde* mostra a importância dessa organização em grupo departamental. De fato, o ápice de um concurso não é o resultado dos prêmios individuais. O que demonstra o valor da paixão é, sem dúvidas, o “desafio departamental”.

O desafio é um concurso por equipe onde cada departamento deve apresentar um lote de cinco ou seis vacas, que apresentem qualidades individuais e homogeneidade. Mas é também o momento onde se deve representar seu departamento<sup>20</sup>, valorizá-lo através de uma apresentação oral e uma encenação das vacas. Assim, pode-se reproduzir um estábulo típico de seu departamento, por exemplo, ou outra decoração, contanto que esta seja típica do departamento. As paixões são aqui

muito importantes e uma tensão é fortemente ressentida, sobretudo quando a classificação é pronunciada pelos jurados, de trás para frente.

No momento do concurso especial *montbéliard* 2001, organizado no Salão da Agricultura de Paris, pela primeira vez em muito tempo os vencedores do desafio não foram os do *Doubs*, local de origem da raça, mas a *Haute-Saône*. Essa vitória proporcionou uma alegria indescritível para os criadores deste departamento, impensável se a vitória tivesse sido individual. Ela se tornou uma festa que foi até de manhã. Da mesma forma, nenhum dos criadores da *Haute-Savoie* trocaria o prêmio do desafio regional ganho na Exposição Regional de Agricultura (SARA na sigla em francês) de *Lyon* em novembro 2001 por todos os prêmios individuais, mesmo aqueles em que as vacas não participaram do desafio.

A importância dos desafios mostra, aos meus olhos, os dois eixos que ligam os participantes entre si: um pertencimento geográfico a um departamento e um pertencimento a um grupo de criadores da mesma raça. O pertencimento a um departamento contribui assim para se posicionar na paisagem dos criadores de *montbéliardes* da França, enquanto a raça contribui para se posicionar na paisagem dos criadores de seu departamento. Como em um mapa ortogonal onde para definir um ponto são necessárias duas coordenadas: uma no eixo da abscissa e outra no eixo das ordenadas. É o sindicato que fornece as direções.

Aliás, se a organização em sindicato não é uma especificidade do departamento, ela também não é dos criadores da raça *montbéliarde*. Assim, em *Haute-Savoie* existe um sindicato *Prim'holstein* e um sindicato *Abondance* que representa as duas outras raças leiteiras mais importantes do departamento<sup>21</sup>. Seus funcionamentos são, de forma geral, idênticos ao do sindicato *montbéliard*. Os criadores da *Haute-Savoie* estão organizados de acordo com a raça e seus rebanhos, raça que terá uma função identificatória para o criador.

Essa função identificatória da raça se encontra na maioria dos nomes dos organismos, assim como na maneira de nomear os criadores de outras raças. Neste caso, a raça serve literalmente para nomear, pois um criador de vacas da raça *abondance* é chamado de um “*abondance*” ou de um “*abondancier* (Abondanciador)”, enquanto um criador de *prim'holstein* é chamado de “preto”, que é a designação desta raça – o

preto sendo a cor retida como significativa na pelugem *prim'holsteins*, preto e branco.

Os nomes dos diferentes organismos mostram que a identificação não é somente o fato de chamar os criadores de outra raça: ela é reivindicada. Assim, o sindicato dos criadores das vacas da raça *montbéliarde* se chama “sindicato *montbéliard*”. O mesmo ocorre em termos nacionais para a unidade de seleção UMOTEST, que significa *Union Montbéliarde de Testage* (União de testagem *montbéliard*). O mesmo procedimento pode ser visto para as outras raças do departamento, em que o sindicato dos criadores da raça *abondance* é chamado “sindicato *abondance*”.

Portanto, a raça não somente serve de ponto de vínculo para os exploradores, mas ela possui também uma função identificatória. O conjunto permite aos criadores formar um grupo social. Mas os diferentes grupos não se mobilizam apenas para a organização dos concursos ou para a gestão de questões internas. Eles funcionam também, e de uma forma mais concreta, de acordo com os imperativos econômicos, vitais para os criadores.

Essa organização de criadores em uma forma de plano ortogonal poderia lhes permitir mobilizar tanto as direções de pertencimento ao mesmo departamento, como o pertencimento à mesma raça. Porém, não é isso que ocorre, e é a identificação com a raça que domina a outra, pelo menos no caso da *Haute-Savoie*.

## **A raça: linha de fratura**

As raças bovinas são para algumas regiões um instrumento de promoção, um apoio publicitário, um patrimônio. Neste caso, as regiões ou os departamentos promoverão uma ou outra raça, não apenas em sua circunscrição, mas também em seu exterior. A raça se torna assim um emblema, uma figura em proa publicitária. É por exemplo o caso da raça *montbéliarde* para a região<sup>22</sup> *Franche-Comté*. A organização do concurso especial *montbéliard* no Salão da Agricultura em Paris aconteceu graças à região *Franche-Comté* que foi a anfitriã de honra do Salão de 2001. A região financiou assim uma parte da organização. Em 2002, a região anfitriã foi a *Bourgogne*, e o salão foi o local do concurso especial *charolais*, raça bovina de corte originária da *Bourgogne*.



Isso não é tudo, pois a *Franche-Comté* financia também os organismos ligados à raça *montbéliarde*, tanto no plano nacional como o UPR *montbéliard* e as Unidades de Seleção, como no plano departamental. Assim, o sindicato *montbéliard* da *Haute-Savoie* recebe um financiamento da região *Franche-Comté*. O objetivo é a promoção da raça, dinamizá-la para que ela possa popularizar a região.

Paralelamente, na *Haute-Savoie*, a raça local, a *abondance*, é uma base publicitária ao departamento. Seu lado rústico e suas qualidades montanhesas fazem dela um símbolo de um departamento direcionado para a montanha e um patrimônio local. Isso gera um clima de competição que mobiliza as facções que possuem como eixo as raças mais do que o sentimento de pertencimento a um departamento.

No departamento da *Haute-Savoie*, as duas principais raças são, assim, a *abondance* e a *montbéliarde*, no entanto, a segunda conta com o dobro de trabalhadores e de rebanhos. As outras raças são bem inferiores em termos quantitativos e menos importantes. Fica claro que esses números se referem a todos os tipos de explorações e que apenas uma parte delas faz referência aos criadores-selecionadores. No entanto, o sentimento identificatório induz que estes últimos se posicionem como os representantes de suas raças no departamento, mesmo se um criador produtor é menos influenciado pela competição entre raças.

Zonabend já havia notado tal divisão de acordo com as raças entre os donos de *normand* e os donos de *frisonne* na Normandia. Mas essa divisão parece demonstrar dois cortes: entre “*antigos e modernos, ou indígenas contra forasteiros [horsains]*”. Ela faz assim uma aproximação entre os argumentos de cada um deles com relação à raça das vacas e dos “pais que lamentam o fato de seus filhos terem ido pegar uma esposa no ‘campo’, isto é, longe” (Zonabend, 1994, p. 35-36). Por motivos já demonstrados, uma tal análise não pode funcionar no caso presente.

Por outro lado, a divisão entre a raça local e a raça estrangeira pode, sem dúvidas, ser utilizada. Mas ela não corresponde a uma divisão entre jovens e velhos, e sim a uma separação entre os “montanheses” e os “da planície”. Os criadores de *abondances* são de fato mais representados nas montanhas, onde a raça *montbéliarde* é pouco

presente. Essa divisão entre planície e montanha corresponde mais a uma distinção entre os vales de montanha e as zonas ao pé das montanhas, que não são exatamente planícies. Trata-se na verdade de uma distinção entre os “do alto” e os “do baixo”, substituída pelas expressões “criadores da planície” e “criadores da montanha”.

O domínio no qual essa política faccionaria, fruto da identificação dos criadores com a raça do rebanho, se demonstra de uma maneira pronunciada é os AOC. A *Haute-Savoie* possui três AOC e dois IGP (ver nota 5) que se referem aos queijos fabricados a partir do leite de vaca. São o *reblochon*, o *abondance* e o *tomme de Bauges* para os AOC e *Tomme de Savoie* e *Emmental de savoie* para os IGP. Os AOC são zonas, territórios que se manifestam através da fabricação de um produto necessitando o respeito de obrigações precisas (os IGP possuem menos obrigações). As obrigações são dadas em termos da alimentação dos animais ou da segurança sanitária, mas elas podem também excluir algumas raças de vacas. Esse é o caso por exemplo da *prim'holstein* na *Haute-Savoie*, excluída devido a uma qualidade insuficiente de seu leite. Alguns criadores de *abondance* gostariam de excluir a raça *montbéliarde* – especialmente no AOC *reblochon*, para proteger a raça *abondance*, minoritária.

Já é estabelecido que uma nova exploração que queira se implantar nesta zona e usufruir da “denominação de origem controlada” (AOC) *reblochon*, não poderá possuir um rebanho constituído apenas de vacas *montbéliardes*. Tais decisões são tomadas pelo Sindicato Interprofissional do *Reblochon* (SIR). O SIR reagrupa os criadores e todas as outras profissões vinculadas ao *reblochon*. Os mais ativos no interior desse sindicato são, sem dúvidas, os criadores do vale do *Thônes*, da “montanha”. Nesse vale há apenas vacas da raça *abondance*.

Uma parte deles foi responsável por uma decisão que foi vista pelos “criadores da planície” como um ato de guerra. Trata-se da proibição da utilização das misturadoras (*mélangeuses*), máquinas que permitem misturar todos os alimentos de uma ração diária, para que as rações distribuídas sejam “equilibradas”. Elas foram proibidas, pois podem provocar a fermentação dos alimentos, sobretudo se as rações forem preparadas anteriormente. Os alimentos fermentados são excluídos da AOC *reblochon* e de todas AOC da *Haute-Savoie*.

No entanto, os “criadores da planície”, antes de comprarem as misturadoras se informaram sobre uma eventual proibição nos próximos anos. Essa decisão penalizou assim todos aqueles que haviam acabado de comprar uma dessas máquinas. Esses criadores são não somente “da planície”, mas em sua maioria criadores *montbéliards*. O ato foi visto por eles como um ataque direto. Porém, existem também criadores de *abondance* na “planície” e assim suscetíveis ao uso de uma misturadora.

Existe assim uma amálgama entre os “criadores da planície” e a raça *montbéliards* e entre os “criadores da montanha” e a raça *abondance*. A raça é aqui uma linha divisória que exprime outra diferença, a dos “criadores da montanha” e a dos “criadores da planície”.

Essas tensões, vistas no domínio das AOC, tendem a se cristalizar em todas as relações entre as duas facções. Uns se sentem ameaçados por uma raça em plena expansão, a raça *montbéliarde*, e os outros se sentem esquecidos pelos organismos departamentais, mesmo sendo majoritários. Assim, os conflitos se expandem seguindo essa linha de demarcação que são as raças. Na verdade, nem todos os criadores *montbéliards* precisam das AOC, mas a reação passa pela identificação da raça. Da mesma maneira, no final, são as duas facções inteiras que se opõem.

A luta apareceu, muito forte, no Salão de Agricultura de 2001 onde se organizava ao mesmo tempo o concurso especial *montbéliard*. Devido a esse evento, os criadores de vacas *montbéliardes* estavam presentes em grande número, dentre os quais os criadores da *Haute-Savoie*, que nem sempre vêm à Paris. O excesso de pessoas teve como consequência a insuficiência de espaço para o material e para os complementos alimentares previstos para cada departamento no quadro do concurso especial. Por outro lado, todos os anos os criadores de vaca *abondance* da *Haute-Savoie* sempre são numerosos. Essa raça, sendo um suporte publicitário para o departamento, possui um espaço no salão que reproduz um chalé típico da *Haute-Savoie* financiado pelo departamento. Entretanto, uma parte dos criadores de vacas *abondance* recusou-se a estocar o material dos criadores *montbéliards*.

O que ilustra, aos meus olhos, que a lógica aqui aplicada é fundada no sentimento identificatório à raça, e não no pertencimento a um

mesmo departamento. Tudo é condicionado pela raça de seu rebanho. O primeiro caso da “vaca louca” em *Haute-Savoie* em maio de 2001 foi a ocasião para um novo confronto entre as duas facções, tendo em jogo o “resgate” de um criador.

O criador em questão tinha uma fazenda de vacas *abondance* e produzia queijo *abondance* em AOC. Para refazer seu rebanho o mais rápido possível sem perder muito dinheiro, ele procurou comprar os animais rapidamente. Mas como a *abondance* era uma raça local e poucas pessoas trabalhavam com ela, não foi possível para ele refazer seu rebanho de *abondance*. Ele foi então comprar vacas *montbéliardes*, raça mais próxima, no *Doubs* e no *Jura*, dois departamentos tradicionais de venda da raça.

Ao saberem disso, os criadores do sindicato *montbéliard* da *Haute-Savoie* viram a ocasião como uma oportunidade de integrar um adepto. Eles o informaram que eles possuíam vacas para vender e esperaram que ele os contatasse para completar seu rebanho. Assim que isso foi feito, eles o fizeram visitar as melhores criações *montbéliardes* do departamento, oferecendo algumas vacas à venda. O objetivo era, sem dúvidas, fazer com que esse criador aderisse à criação de *montbéliarde*, mostrando-lhe o dinamismo do sindicato, pronto a reagir, e de sua raça. O sindicato *abondance*, até então um pouco lento a se manifestar, publica em seu jornal um anúncio pedindo a todos os criadores de *abondance* de verificarem se eles possuíam rapidamente vacas para vender, para ajudarem um dos seus, afetado pela “vaca louca”. Tarde demais! O criador já tinha reconstituído um rebanho, de vacas *montbéliardes*.

A mudança de raça desse criador é importante, pois, como dito antes, ele fabrica um queijo *abondance*, mas também porque ele pratica a “subida *en alpage*”<sup>23</sup>. Ele é assim um “criador da montanha”, sua “passagem à (raça) *montbéliarde*” é um incômodo para os criadores da raça *abondance*.

O poder identificatório da raça permite aos criadores utilizarem uma estrutura dividida. A tendência é de recortar na divisão das raças uma diferença que possui, sem dúvidas, uma expressão mais abrangente, que consiste na divisão entre “planície” e “montanha”. Mas para explorar com maior profundidade esse ponto seria neces-

sária uma pesquisa mais equilibrada entre os criadores de *abondance* e de *montbéliarde*. A maioria das informações provem de criadores de *montbéliarde*, o que pode resultar em uma parcialidade na análise da divisão “planície”/ “montanha” dos criadores da *Haute-Savoie*.

No final, mesmo com a imposição ou a adoção de práticas e de técnicas especializadas na criação, mesmo se ela produz uma estandarização e transforma profundamente a criação, mesmo que a produção possa parecer um motor dominador da prática da seleção genética, isso não impede que as vacas continuem sendo “boas para pensar”.

## Notas:

- <sup>1</sup> Os nomes das raças permaneceram na sua grafia francesa por não corresponderem às raças brasileiras. Eles são tanto nomes próprios como adjetivos e sofrem uma série de distorções nos usos quotidianos que serão alvo da pesquisa. Por isso podem ser no masculino, no feminino ou no plural conforme o uso em língua francesa.
- <sup>2</sup> Tendo nascido em uma família de criadores de vacas *montbéliardes*, eu rapidamente senti esta problemática na medida em que avançava em meu percurso intelectual e dominava outros códigos. Além disso, o trabalho de campo na base deste artigo é um tanto específico devido ao fato de eu conhecer, desde sempre, as noções e um dos pontos de vista do mundo que eu queria entender. A maneira como eu era visto pelos criadores, conhecidos, em sua maioria, antes deste projeto, foi também muito diferente. Eu jamais fui visto como um etnólogo ou um estrangeiro em busca da compreensão de um mundo que não é o seu. Minha posição era mais de um filho de criador que conhecia o mundo dos criadores e que tentava aprender a profissão. Isso influenciou as minhas entrevistas – que pareciam simples conversas entre criadores. Assim, as portas me foram abertas facilmente e sem precauções.
- <sup>3</sup> *Exploitant agricole* em francês, expressão que passou a designar as empresas agrícolas e os agricultores. O termo “exploração” aqui é empregado no seu sentido de “empresa”.
- <sup>4</sup> Este trabalho é fruto de uma pesquisa de campo feita entre março de 2001 e maio de 2001, completada por estadias de curta temporada em junho de 2001 e fevereiro de 2003, e por visitas regulares desde então.
- <sup>5</sup> Siglas de estruturas jurídicas presentes no mundo agrícola francês: GAEC é *Groupement Agricole En Commun* e EARL é *Exploitation Agricole à Responsabilité Limitée*.
- <sup>6</sup> AOC – *Appellation d’Origine Contrôlée* – Denominação de Origem Controlada. Os AOC de *Haute-Savoie* são: o *abondance*, o *reblochon* e a *Tomme des Bauge*. IGP – *Indication Géographique Protégée* – Indicação Geográfica Protegida. Essas zonas, ou territórios, são frutos da transformação das “marcas regionais” em 1994 e têm um embasamento em conceitos como “patrimônio local”, “tradição” e *terroire* que junta os dois primeiros num local definido, numa “terra”. Entre os IGP de *Savoie* e de *Haute-Savoie* temos o *Tomme de Savoie* e o *Emmental de Savoie*. As outras “zonas” são recortes administrativos que condicionam diversos recursos.
- <sup>7</sup> UMOTEST: *Union MONTbéliarde de TESTage*, União de Testagem *montbéliard*. As unidades de seleção são organismos que compram os vitelas machos inscritos no “siste-

ma". Esses bezerros são criados e testados ao atingirem a maturidade sexual. O que significa que "doses" de sêmens são retiradas e depois distribuídas às cooperativas de inseminação que os propõem como "testagem" aos criadores. As filhas nascidas dessas doses, que constituem as "séries de testagem", são avaliadas depois de seu primeiro parto. É a média de suas notas que dá a nota do touro e que condiciona se ele será, ou não, colocado "a serviço".

- <sup>8</sup> As palhetas de sêmen são conservadas em garrafas de azoto líquido.
- <sup>9</sup> Os criadores sabem, no entanto, que a transmissão genética é 50% de cada genitor, algumas crias não são conservadas se as qualidades da mãe são insuficientes ou se o criador detecta um defeito importante no jovem animal. Alguns criadores praticam cruzamentos de suas vacas menos interessantes com bois de raças de corte, para obter vitelos mais caros na venda aos açougues.
- <sup>10</sup> Alguns bezerros são assim escolhidos em função das qualidades de suas mães sem que estas últimas sejam "mães de touro". A expressão em francês é *fille à taureau*, que indica que ela poderia se tornar uma potencial *mère à taureau*, "mãe de touro".
- <sup>11</sup> Raça rústica dos Alpes entre França e Suíça.
- <sup>12</sup> "Embrião" significa aqui um bezerro ou uma vaca adulta fruto de um transplante embrionário.
- <sup>13</sup> Esta operação se chama "coleta" e diz-se também que se "coleta" a vaca.
- <sup>14</sup> A "ganha de tempo de gerações" na seleção é um tipo de lei permanente dos técnicos e dos criadores mais "modernos" da seleção. Ela é uma justificativa para o uso das novas técnicas de seleção.
- <sup>15</sup> Quer dizer que ele é obtido a partir das qualidades de suas filhas.
- <sup>16</sup> As informações sobre o SAM vêm de documentos disponíveis nos centros de criação e de conversas com os criadores e técnicos dos centros de seleção e de criação.
- <sup>17</sup> Expressão francesa designando primos de segundo grau. FFBSD/FFBSS. A expressão em francês est "*rappel de sang*", que carrega a ideia de chamar o "sangue" de um ascendente.
- <sup>18</sup> "*Eleveur-naisseurs*" em francês, quem cria e reproduz.
- <sup>19</sup> Entrevista de 2001.
- <sup>20</sup> Os departamentos são um recorte político-administrativo francês.
- <sup>21</sup> Temos 19.171 *montbéliardes*; 9.436 *abondance* e 1953 *prim'holstein* (dados do *Contrôle Laitier* de dezembro de 2009). Esses dados não representam a totalidade dos animais de cada raça no departamento, pois, por um lado, nem todas as explorações estão vinculadas ao *contrôle laitier* e, por outro lado, as vacas jovens não são levadas em consideração.
- <sup>22</sup> Região é um outro recorte administrativo francês que é superior ao departamento; é composta por departamento. Há na França mais de 100 departamentos e 23 regiões.
- <sup>23</sup> Pastagens de altitude, unicamente acessíveis durante o verão.

## Referências

- BARRÉ, Silvestre. *L'homme et les animaux domestiques aux Houches*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Université ParisX-Nanterre, 1997.
- DARRE, Jean-Pierre. La production sociale de la pensée technique chez les éleveurs et agriculteurs français. *Production pastorale et société*, MSH - Paris, n. XVIII, p.137-148, 1986.

DARRE, Jean-Pierre; LE GUEN, Roger; LEMERY, Bruno. Changement technique et structure professionnelle locale en agriculture. *Economie rurale*, n. 192-193, 1989.

FRANCE GÉNÉTIQUE ELEVAGE. La révolution génomique; une nouveauté pour la sélection des bovins laitiers: le SAM. 2009. Disponível em: <<http://idele.fr/metiers/techniciens/ameliorer-le-troupeau/publication/IdeleSolr/recommends/la-revolution-genomique.html>>. Acesso em: maio 2012.

GODEFROY Hubert. Eleveurs et troupeaux laitiers en Normandie. In: LIZET, B.; RAVIS-GIORDANI, G. (Org). *Des bêtes et des hommes: le rapport à l'animal*. Paris: Éditions du C.T.H.S, 1995.

MICOUD, André. Le reblochon de Savoie, ou comment mettre toute la montagne dans votre assiette. *Revue de Géographie Alpine*, v. 86 n. 4, p. 71-80, 1998.

\_\_\_\_\_. Des vaches aux yeux si doux. *Communications*, [on-line], n. 74, p. 217-237, 2003. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm\\_0588-8018\\_2003\\_num\\_74\\_1\\_2137](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_2003_num_74_1_2137)>. Acesso em: maio 2012.

\_\_\_\_\_. Des patrimoines aux territoires durable: Ethnologie et écologie dans les campagnes françaises. *Ethnologie Française*, t. XXXVII, n. 2, p.13-22, 2004.

PREISWERK, Yvonne. Pour une ethnoculture de l'élevage: vaches et "généalogies" dans la mémoire collective. *Anthropozoologica*, n. 21, p. 31-39, 1995.

ZONABEND Françoise. Mes frères, mes époux. Fonctionnement de la parenté et figures d'alliance en Basse-Normandie. In HERITIER-AUGÉ, F.; COPET-ROUGIER, E. *Les complexités de l'alliance, volume II: les systèmes complexes d'alliance matrimonial*. Paris: édition des archives contemporaines, 1995. p. 207-226.

\_\_\_\_\_. Gestion de la parenté, gestion du troupeau. In: HERITIER-AUGÉ, F.; COPET-ROUGIER, E. *Les complexités de l'alliance, volume IV: économie, politique et fondements symboliques*. Paris: édition des archives contemporaines, 1994. p. 31-46.

Recebido em 20/03/2012

Aceito em 28/04/2012